

## Coisas da Política

### A difícil relação de ACM com Collor

**P**or trás da couraça com que ao mesmo tempo se defende das maledicências e se arma de coragem para atacar os adversários, o governador Antônio Carlos Magalhães tem um lado suave, afetuoso. O *Toninho Malvadeza*, como o chamam os adversários, convive lado a lado com o *Toninho Ternura*. Tanto que, em 1990, numa campanha eleitoral em que batia duro nos concorrentes, foi consagrado por multidões cantando e dançando um *reggae* alegre que martelava na cabeça dos eleitores uma saudação aparentemente incompreensível além das fronteiras da Bahia — “ACM, meu amor”.

Nesta época em que o espírito de Natal amolece corações, ACM costuma dar vazão ao seu lado *Ternura*, telefonando para alguns poucos e seletos amigos para desejar-lhes Boas-Festas. Desta vez, não mandou o ajudante-de-ordens ou a secretária ligar para o presidente Fernando Collor. No máximo, pensou em telefonar para o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que se referiu a ele de maneira cortês em recente entrevista coletiva. Pensou, apenas, pensou um tempão, o Natal passou e ainda ontem na hora do almoço estava avaliando se deveria mesmo fazer a ligação para Passarinho.

ACM está magoado. E fera ferida tem dificuldades de ser meiga. Por isso, cada vez mais sobe de tom nas críticas ao governo federal. Antes, batia onde não doía. Por exemplo, na engenhosa fórmula de transformar, como ele próprio diz repetidas vezes, “um ministro ordinário em extraordinário”, referindo-se à mudança de Carlos Chiarelli do Ministério da Educação para o Ministério Extraordinário da Integração.

Em seguida, cutucou com vara curta os casos de comprovada ou presumida corrupção no governo. Insistiu muito nesse tema. É aí, mais do que no insucesso da política econômica, que se corrói a credibilidade do governo. Se a política econômica falha, pode ser tentada outra, e o governo continua andando. Se a fama de desonestidade persiste, o governo fraqueja das pernas, desmorona.

No meio do caminho, ACM apegou-se a promessas feitas por Collor aos governadores do Nordeste. Nenhuma delas, na avaliação do governador da Bahia, foi cumprida até agora. Assim, a reunião do Conselho Deliberativo da Sude-ne, na última sexta-feira de cada mês, passou a ser a sua tribuna preferida. Basta folhear as atas da Sude-ne e lembrar discursos proferidos pelo governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, em 1988 e 1989. As cobras e lagartos que Collor dizia do governo federal, na época, podem ser ditas por qualquer governador do Nordeste sobre o atual governo.

Agora, ACM diz até não se lembrar se já faz um mês que não fala ao telefone com Collor. “Não conto o tempo porque não sinto falta, mas creio que seja mais tempo”, disse. Não se diz isso sobre amigo, mas ACM também teria o direito de reclamar que não se

faz com amigo o que Collor tem feito com ele.

Está fresquíssima na memória de ACM a lembrança dos serviços prestados a Collor desde quando este era candidato a presidente da República. Deu-lhe muitos conselhos, na campanha eleitoral. Com dificuldades, pois era ministro de Sarney, ACM teve vários encontros com Collor. Em todos eles, ACM jamais foi ao escritório ou à casa do candidato ou de amigos seus. Era Collor quem o procurava.

Foi ACM quem torpedeou sozinho a conspiração dos *Três Porquinhos*, como ficaram conhecidos na época Hugo Napoleão, Edison Lobão e João Alves, ao tentarem sacar de última hora, com estímulos do presidente Sarney, a candidatura do animador de televisão Sílvio Santos. Se não fosse mortal, essa manobra ao menos causaria estragos consideráveis à campanha de Collor, pois os dois disputariam a mesma faixa de eleitorado. Na época, Collor afirmou que jamais na vida conseguiria pagar essa dívida a ACM.

Eleito governador, ACM não conseguiu tratamento diferenciado de Collor. Quem ganhou esse tratamento foi um dos seus maiores adversários, o governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola. ACM não chega a confessar isso, mas os que convivem com ele sabem que o irrita profundamente a opção preferencial de Collor por Brizola.

No início, o presidente até conseguia conviver com os dois. São duas personalidades fortíssimas as de ACM e Brizola. É um milagre de engenharia política andar de braços dados ao mesmo tempo com ambos. Collor pende, por enquanto, para Brizola. Pende por medo, na avaliação dos seguidores de ACM.

Já pela cabeça do próprio ACM passou a idéia de que o presidente, em algum momento, talvez nas longas e infrutíferas negociações sobre a rolagem das dívidas dos estados, antes de elas desaguarem no Congresso, quis fazer dele, governador da Bahia, um refém. ACM saltou fora. Em horas de descontração, gosta de dizer a amigos mais próximos uma frase que resume sua disposição de briga: “Refém posso ser algum tempo, mas do Luís Eduardo”, diz, referindo-se ao filho deputado federal, que herda do pai muito mais doses de *Ternura* do que de *Malvadeza*.

Não se pode dizer que esta situação não venha a ser contornada. ACM mesmo garante que sua bancada de 22 deputados federais (“Só da Bahia, fora os dos outros estados”) está à disposição do presidente sempre que houver projetos importantes para o país.

Mas também não se pode deixar de constatar que a popularidade de ACM em seu estado cresce na mesma proporção em que ele se afasta de Collor. Agora, por exemplo, a última pesquisa do DataFolha dá-lhe em Salvador, onde historicamente sempre perdeu eleição, 45% de ótimo e bom e 39% de regular.

Marcelo Pontes